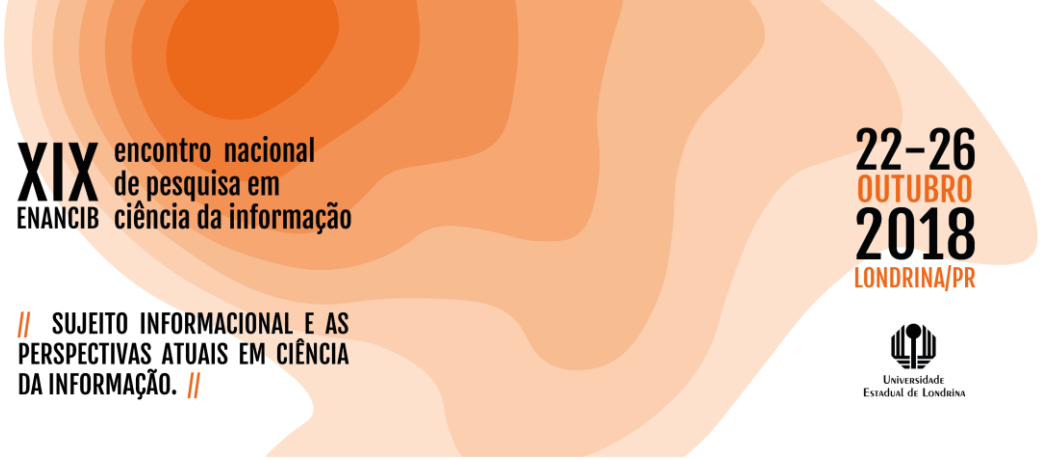




XIX encontro nacional
de pesquisa em
ciência da informação
ENANCIB

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT- 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

A COLABORAÇÃO COMO PRÁTICA EDUCATIVA NO COTIDIANO DA BIBLIOTECA¹

Gleice Pereira (Universidade Federal do Espírito Santo)
Bernadete Santos Campello (Universidade Federal de Minas Gerais)

COLLABORATION AS EDUCATIONAL PRACTICE IN THE QUOTIDIAN LIBRARY

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: As diversas formas de atuação dos bibliotecários têm sido discutidas na literatura da área, tais como a representação de sua imagem profissional, seu mercado de trabalho e sua formação. No entanto, essa literatura encontra-se cristalizada em aspectos negativos, demonstrando conformismo dos bibliotecários e pouco caso por parte da sociedade, dos que nela atuam e dos que têm poder de decisão sobre ela. Nesta pesquisa, focalizou o outro lado das bibliotecárias e dos bibliotecários, os quais, de uma forma ou outra, buscam, no cotidiano do seu fazer, atuar em colaboração com os professores, protagonizando com seu *teckne* possibilidades de mudanças. Objetivando analisar a interseção entre a colaboração professor/bibliotecário, a prática educativa e o cotidiano da biblioteca escolar, delineou-se essa (re)construção, no intuito de privilegiar o coletivo de realizações, representadas pela colaboração professor/bibliotecário no cotidiano escolar. O referencial teórico foi composto na inter-relação de três eixos condutores: o papel educativo do bibliotecário foi discutido a partir das ideias de Campello (2009); o cotidiano como campo de possibilidades dos profissionais envolvidos na educação fundamentou-se nas pesquisas de Carvalho (2009); os níveis de colaboração professor/bibliotecário foram analisados com base em *Teacher/Librarian Collaboration Model (TLC)*, desenvolvido por Montiel-Overall (2005a, 2005b). O estudo está ancorado na abordagem qualitativa, que, concilia a possibilidade de ter como referência os princípios teórico-epistemológicos, baseados na ideia de que os sujeitos pesquisados são pessoas reflexivas, com suas experiências e ações nos vários contextos em que atuam. A amostra foi intencional, possibilitando a escolha de atores representativos da população pesquisada. Nos resultados, foi identificado um cotidiano com práticas nos quatro níveis de colaboração das categorias analisadas. Conclui-se que nas quatro categorias há, nos fazeres da ambiência da biblioteca escolar, práticas de um cotidiano de colaboração entre professor/bibliotecário.

¹ A pesquisa é um recorte da tese de doutoramento já finalizada.

Palavras-Chave: Cotidiano do bibliotecário. Prática educativa do bibliotecário. Colaboração professor/bibliotecário.

Abstract: The diverse forms of librarianship have been discussed in the literature of the area, such as: the representation of their professional image, their labor market and their formation. However, this literature is crystallized in negative aspects, demonstrating the conformism of the librarians and little case by the society, of those who act on it and of those who have decision power on it, in this research focused on the other side of librarians and librarians, who, in one way or another, seek in their daily lives through their work, act in collaboration with the teachers, leading with their teckne possibilities for change. Aiming to analyze the intersection between the collaboration model, the educational practice and the quotidian of the school library, this (re) construction was delineated in order to privilege the collective of achievements, represented by the teacher / librarian collaboration in quotidian. The theoretical framework was composed of three interrelated axes: the educational role of the librarian was discussed based on the ideas of Campello (2009); quotidian as a field of possibilities for professionals involved in education was based on Carvalho's (2009) research; the levels of teacher / librarian collaboration were analyzed based on the Teacher / Librarian Collaboration Model (TLC) developed by Montiel-Overall (2005a and 2005b). The study is anchored in the qualitative approach that reconciles with the possibility of having as reference the theoretical-epistemological principles that are based on the idea that the subjects studied are reflexive people, with their experiences and actions in the various contexts where they act. The sample was intentional, allowing the selection of representative actors of the researched population. In the results, the quotidian with collaborative practices was identified in the four levels of collaboration of the analyzed categories related to the TLC model. It is concluded that in the four analyzed categories that there are in the practices of the school library environment practices of quotidian collaboration between teacher / librarian.

Keywords: Librarian's quotidian. Educational practice of the librarian. Collaboration teacher / librarian.

1 INTRODUÇÃO

Os diferentes papéis desempenhados pela biblioteca escolar ao longo do tempo perpassam por vários contextos históricos, muitos deles influenciados pelas políticas públicas ou pela falta delas. As diversas formas de atuação dos bibliotecários têm sido discutidas na literatura da área, tais como a representação de sua imagem profissional (WALTER, 2008), seu mercado de trabalho (BAPTISTA; MULLER, 2004) e sua formação (SOARES, 2014). No entanto, essa literatura apresenta-se cristalizada em aspectos negativos, demonstrando conformismo dos bibliotecários e pouco caso por parte da sociedade, dos que nela atuam e dos que têm poder de decisão sobre ela.

Desse modo, assim como Pereira (2006), que pesquisou o cotidiano na escola, verificando como professores e alunos, nas suas práticas, entrelaçavam razão e emoção, buscando observar os fragmentos felizes da escola, procurou-se aqui trilhar o mesmo caminho. “Eu poderia ter escolhido falar das dificuldades, [...] da precariedade de prédios escolares, das verbas escassas e/ou desviadas, não me faltariam dados, estatísticas [...]”

(PEREIRA, 2006, p.17). Também nesta pesquisa preferiu-se focalizar o “outro lado” das bibliotecas e dos bibliotecários, os quais, de uma forma ou de outra, desejam no cotidiano, por meio de seu fazer como prática educativa, atuar em colaboração com os professores, protagonizando com seu *teckne* possibilidades de mudanças.

Apesar de reconhecer que os problemas e as adversidades existem nas escolas, nas bibliotecas e nos profissionais, elegeu-se fazer coro às vozes dos tantos pesquisadores, bibliotecários e educadores por acreditar que, por trás de uma cultura arraigada de conformismo, existe a possibilidade de que a colaboração entre o bibliotecário e o professor, no cotidiano das bibliotecas, seja configurada como campo de inovação e eles sejam partícipes na/para a prática educativa.

Tencionando viabilizar a aproximação do modelo de colaboração, da prática educativa e do cotidiano da biblioteca escolar ao referencial teórico desta pesquisa, delineou-se essa (re)construção, no intuito de privilegiar a construção coletiva de realizações, representadas pela colaboração professor/bibliotecário no cotidiano escolar. Se, de um lado, a prática educativa do bibliotecário, sedimentada na colaboração com o professor, pode permitir que se desmitifique a imagem de um profissional que tem preferência pelo trabalho isolado e que conta com uma formação tecnicista (SILVA, 2013; MOREIRA, 2014), por outro, oportuniza ao professor ampliar o espaço da sala de aula.

Os estudos sobre a prática educativa sempre estiveram associados ao modo como os professores realizam o trabalho docente, ou seja, a seleção dos conteúdos das disciplinas, a organização dos tempos e dos espaços escolares, a orientação das atividades dos alunos, a forma e o valor das avaliações. Segundo Libâneo (1994, p. 15), “O trabalho docente é uma das modalidades específicas da prática educativa mais ampla que ocorre na sociedade”.

No entanto, o mesmo autor ressalva que a arte de ensinar não pode ser tratada como atividade exclusiva da sala de aula: ela não ocorre em espaços isolados. Subentende-se, nessa concepção, que, no cotidiano da biblioteca escolar, podem ocorrer práticas educativas em colaboração com o professor. Libâneo (1994, p.16) define a prática educativa como “[...] um fenômeno social e universal necessário à existência de todas as sociedades”. Percebe-se aí a noção de que a prática educativa como fenômeno social é de responsabilidade compartilhada entre todos os envolvidos na/com a educação.

No campo da biblioteconomia escolar, a colaboração é ressaltada nas publicações da *American Association of School Librarians (AASL/AECT)*, desde a década de 1990, que

descreve a crescente importância do trabalho colaborativo para as bibliotecas, ao mostrar que colaborações efetivas entre todos os envolvidos com a aprendizagem ajudam a criar uma comunidade estudantil vibrante e engajada, fortalecendo o sistema de ensino.

2 MARCO TEORICO

O recorte teórico norteador do estudo teve como ponto de partida a noção de colaboração, baseado no modelo proposto por Montiel-Overall — o *Teacher-Librarian Collaboration* (TLC) —, descrito em artigos da autora publicados de 2005 a 2013, que traçam a origem do TLC e as subsequentes tentativas para sua validação. O conceito de colaboração na ótica de Montiel-Overall(2005a, 2005b) ultrapassa a função do bibliotecário de simplesmente suporte ou apoio para a promoção da aprendizagem, em contextos significativos para os alunos e para os professores, não de forma isolada, mas com uma integração de biblioteca e sala de aula, em que os sujeitos envolvidos são partícipes das ações.

O Modelo de Colaboração Professor/Bibliotecário (*Teacher and Librarian Collaboration Model* — TLC), desenvolvido por Montiel-Overall (2005a, 2005b) a partir da taxonomia de Loertscher (2000), é composto de quatro níveis: coordenação, cooperação, instrução integrada, e currículo integrado (MONTIEL-OVERALL, 2007). Tais níveis identificam o tipo de interação e comunicação que ocorre entre bibliotecários e professores na escola e constituem um *continuum* que vai de um nível relativamente baixo de envolvimento entre os colaboradores até um profundo comprometimento e envolvimento intelectual.

Ao pesquisar sobre as práticas educativas do bibliotecário, Campello (2009) constata a presença dessas práticas no discurso dos bibliotecários brasileiros desde a década de 1960, embora de forma não muito significativa. Ao refletir sobre essas práticas, a autora mostra que elas ocorriam ao redor da pesquisa escolar e da leitura que, embora interligadas, eram em geral tratadas separadamente na literatura.

A autora descreve como a prática educativa do bibliotecário se consolidou ao longo do tempo, levando à constituição de elementos teóricos e conceituais que, por sua vez, sustentaram tal prática em países com forte tradição de bibliotecas escolares, com a presença efetiva de bibliotecários. Campello (2009) considera que a prática educativa do bibliotecário está presente em todas as atividades da biblioteca, desde a seleção, aquisição e organização do acervo, o trabalho de referência, a educação de usuários até o advento do

letramento informacional. Nessa configuração, a prática educativa do bibliotecário se fundamenta nas noções de mediação, de acesso à informação e de colaboração.

No modo de ver um cotidiano diferenciado da rotina, Carvalho (2009, p. 17) traz o cotidiano “[...] ao campo dos ‘possíveis’ de realizações do cotidiano escolar como comunidade de afetos e afecções [...]”. A indagação da autora “Mas o que viria a ser o estudo do campo dos ‘possíveis’ no e com o cotidiano?” também é a nossa.

Dessa forma, o cotidiano, segundo Pais (2003, apud CARVALHO, 2009, p.17), não pode ser reduzido à mesmidade no sentido do recurso à prática rotineira, adversa à inovação, visto que só pela interrogação das formas-forças cotidianas “[...] nos damos conta de que é no nada de novo do quotidiano que encontramos condições e possibilidades de resistência que alimentam a sua própria rotura” (PAIS, 2003, p. 28, apud CARVALHO, 2009, p. 17). Nesse contexto, o cenário que se poderia atribuir às práticas educativas do bibliotecário no cotidiano escolar seria uma participação mais ativa na escola que, consequentemente, influenciaria o desempenho do aluno e as práticas do professor. Isso resulta de que, no trabalho educativo, as duas partes — o professor e o bibliotecário — estão envolvidas, não existindo lugar para o isolacionismo.

Segundo Carvalho (2009, p. 18),

[...] deve-se entender o cotidiano não como uma dimensão isolável e/ou instância específica do real, mas como um caminho por meio do qual buscamos novas possibilidades de compreensão da realidade social, criadas e tornadas possíveis formas diferentes de interpelação dos indícios (Ginzburg, 1989) que esta nos fornece, sem jamais se mostrar por inteiro.

Nesse sentido, almejou-se compor a presente escrita com o marco teórico do entrelaçamento da colaboração (MONTIEL-OVERALL, 2005a), da prática educativa do bibliotecário (CAMPELLO, 2009) e do cotidiano como território de possibilidades (CARVALHO, 2009). Essa interconexão revela escolhas que se deram em decorrência de se encontrar nessas pesquisadoras as possibilidades recorrentes e compartilhadas entre professores/bibliotecários.

Entende-se que ter conhecimento da tarefa de educar no contexto do cotidiano educativo implica procurar elementos que incidem na concepção de interação, não apenas com interesse transformador, mas como ação transformadora pelos atores integrantes do processo de ensino-aprendizagem, que se orientam para uma constante demanda de ações, de fazer do cotidiano escolar um lugar para a colaboração como prática educativa.

Além disso, acredita-se que, no cotidiano das bibliotecas escolares, “está ocorrendo algo”. No entanto, há evidências de que esse algo está impedido parcialmente de florescer, por alguma razão.

3 OS FAZERES DO BIBLIOTECÁRIO COMO ELEMENTO COLABORATIVO NA CULTURA ESCOLAR

Para compreender o entrelaçamento do espaço e do tempo na cultura escolar no processo colaborativo entre bibliotecários e professores, interessa-nos entender as complexidades de como se estabelecem as relações, os fazeres de quem o produzem e o vivenciam.

Qualquer atividade humana precisa de um espaço e de um tempo determinados. Assim acontece com o ensinar e o aprender, resulta disso que a educação possui uma dimensão espacial e que, também, o espaço seja, junto com o tempo, um elemento básico, constitutivo, da atividade educativa (FRAGO, 2005, p. 61).

Assim, considera-se importante procurar o entendimento de que modo se constitui a colaboração no cotidiano escolar, a partir da perspectiva de como se estabelecem as relações dos grupos envolvidos nesse processo.

Esse entrecruzamento do cotidiano da escola e sua relação com a biblioteca escolar é um campo de discussão ainda incipiente na literatura da biblioteconomia/ciência da informação. Nessa área, as pesquisas sobre cultura escolar começaram a tomar corpo a partir dos estudos de Félix e Sirihal Duarte (2013) e Félix (2014).

Neste trabalho, recorreu-se à área da educação, em decorrência da trajetória delineada para a pesquisa, ao articular o trabalho colaborativo do bibliotecário com o do professor, desenvolvido no cotidiano do espaço escolar. Com essa articulação, procurou-se a possibilidade externada por Faria Filho et al. (2004), que sugerem o fortalecimento do diálogo com as demais áreas educacionais.

Por outro lado, não podem ser desconsideradas as ponderações de Viñao Frago (2000, p. 100-101, apud GONCALVES; FARIA FILHO, 2005, p. 37), remetendo o olhar desta discussão para o “espaço” e o “tempo” escolar, para a cultura da escola como objeto histórico, navegando olhares desde a “[...] sociologia das organizações até a antropologia das práticas cotidianas”. Vista dessa forma, “[...] a cultura escolar pode ser definida como um conjunto de ideias, princípios, critérios, normas e práticas sedimentadas ao longo do tempo das instituições educativas” (GONCALVES; FARIA FILHO, 2005, p. 37).

Assim, a cultura escolar é discutida em sua interlocução no espaço e no tempo das práticas educativas no cotidiano escolar, percebidos e ocupados pelos sujeitos praticantes desse cotidiano, o que determina os fazeres escolares. Dessa forma, o “[...] *espaço* diz respeito à natureza da escola como lugar específico e o *tempo* diverso e plural, individual e institucional, condicionante e condicionado por outros tempos sociais” (VIÑAO FRAGO 2000, p. 101, apud GONÇALVES; FARIA FILHO, 2005, p. 37). Contudo, Macedo (2005) expressa a ausência da relação dialógica entre o bibliotecário e o professor, que atuam em um mesmo lugar de ensino-aprendizagem e praticamente se desconhecem. Entre eles, não há um trabalho interativo, o que impossibilita as múltiplas possibilidades dialógicas do fazer escolar.

Ao ter uma visão da cultura escolar, este trabalho se fundamenta na compreensão da organização dos grupos no convívio diário, do cumprimento dos objetivos, das possessões, das formas de relacionamento, dos comportamentos e do comprometimento dos sujeitos envolvidos. Segundo Viñao Frago (1995, apud FARIA FILHO et al., 2004, p. 147), a “[...] cultura escolar recobre as diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas, transitando de alunos a professores, de normas a teorias”. Entende-se que tudo o que acontece “no interior da escola” — os modos de pensar, dizer e fazer — abarca também os fazeres do bibliotecário e, dentro desses fazeres, abrange as atividades colaborativas do cotidiano entre bibliotecários e professores.

Os fazeres, como práticas produtoras de sujeitos e de seus respectivos lugares no interior do campo pedagógico, “[...] têm sido concebidos como maneiras de fazer peculiares dos sujeitos da escola e que ocorrem no interior do cotidiano escolar” (FARIA FILHO et al., 2004, p. 151). Desse modo, incidem dentro da escola, segundo Viñao Frago (1995, p. 68-69, apud GONÇALVES; FARIA FILHO, 2005, p. 37), “[...] modos de pensar e de atuar que proporcionam a todos os sujeitos envolvidos nas práticas escolares estratégias e pautas para desenvolver tanto nas aulas como fora delas [...]”.

Certamente ao discorrer sobre a cultura escolar em estreita ligação com os fazeres colaborativos do bibliotecário, como prática educativa, rompe-se com paradigmas existentes. Os professores ainda são fortemente centrados na sala de aula e não estão envolvidos com essas práticas e fazeres. De acordo com Pérez Gomez (2001, p. 168, apud SEGAT; GRABAUSKA, 2004, p. 85),

O isolamento dos docentes concebido como refúgio, mecanismo de defesa ou patrimônio incontestável tem importantes consequências prejudiciais tanto para o desenvolvimento profissional do próprio docente como para a prática educativa de qualidade e de desenvolvimento satisfatório de projetos de mudança e inovação. O isolamento é o ambiente adequado para o cultivo do pragmatismo, da passividade, da reprodução conservadora ou da aceitação acrítica da cultura social dominante. A ausência de contraste, de comunicação de experiência, possibilidades, ideias, recursos didáticos, assim como o apoio afetivo próximo, reforça o pensamento prático e acrítico que o docente adquiriu ao longo de sua prolongada vida na cultura escolar dominante.

Por outro lado, há evidências de que o bibliotecário, em sua formação, parece não ter qualificação pedagógica para agir na biblioteca (SILVA, 2013). Portanto, o rompimento desses campos de forças opostas precisa ser efetivado, oportunizando a criação de uma cultura que propicie a colaboração no cotidiano escolar.

Como afirmam Faria Filho et al. (2004, p. 151), “[...] os praticantes da cultura escolar desenvolvem suas práticas a partir de seus lugares, de suas posições no interior de um sistema de forças assimétricas”. Dentro dessa perspectiva, a dualidade da estrutura — organização e normas sociais — que ocorre nas instituições escolares pode colaborar no processo de mudança no sistema educativo, possibilitando superar uma “cultura de conformismo”, evidenciada ao longo dos anos nos fazeres dos bibliotecários que atuam em escolas.

Cultura e estrutura são interdependentes. Na maioria das escolas, os esforços concentram-se na alteração das culturas existentes, o que foi evidenciado por Félix (2014). No entanto, é bastante complexo para um sistema escolar modificar a cultura predominante da escola. A cultura escolar constitui um padrão intrincado de normas, atitudes e comportamentos, profundamente enraizados no cerne da organização. É o padrão pelo qual historicamente as pessoas transmitem o que pensam e como agem. As relações pessoais na escola geram os mais variados sentimentos que, às vezes, são conflitantes entre todos os envolvidos (MONTIEL-OVERALL, 2006).

Sacristán (2005), ao discorrer sobre os o envolvimento e as afecções dos sujeitos nos espaços escolares, traz à tona uma dimensão que, além do que é físico, é algo que estabelece em uma relação de pertencimento.

[...] representa algo para nós, nos afeta e envolve, não é neutro, nós o valorizamos, é um âmbito em que nossa experiência fica associada. O espaço não é indiferente para nós, nos afeta por sua presença e aspecto, pelos estados de ânimo que propicia, pela satisfação que produzem em nós as

atividades possíveis de serem realizadas nele, pelo estilo de vida que permite (SACRISTÁN, 2005, p. 145).

No mesmo caminho trilhado por Sacristán (2005), Schwertner et al. (2017, p. 100) entendem que os espaços [...] não são neutros, produzem efeitos em nós, em nosso cotidiano; modificam-nos, ao mesmo tempo em que podemos modificá-los. [...] Qual o significado do espaço da biblioteca escolar, por aqueles que o habitam?” Entendemos que esse espaço no cotidiano escolar é um espaço de possibilidades, pluralidade e interconexões, modelados por aqueles bibliotecários que têm em seu fazeres a relação dialógica e de colaboração com o professor em uma prática educativa.

As mudanças na maneira como seres humanos interagem, colaboram e resolvem problemas são provocadas gradualmente. Nesse enfoque, para que uma cultura escolar, com objetivos colaborativos, possa se estabelecer, é necessário um ambiente propício, no qual professores e bibliotecários interatuem. Essa interação deverá estar alicerçada no respeito mútuo, na tolerância e na cooperação. A cultura colaborativa envolve a ideia de professores trabalharem com o bibliotecário, por perceber nele a figura de um parceiro, rompendo, assim, com a fragmentação existente no espaço escolar.

Não obstante, na literatura sobre formação docente (CARVALHO, 2002) podem-se encontrar professores que tenham tido experiências negativas relativas à biblioteca no período de sua escolaridade, isto é, escolas sem bibliotecas, bibliotecários sem a visão de bibliotecas escolares como um local dinâmico e vivo, onde os sujeitos da escola constroem sua história. Os bibliotecários que trabalham no entrecruzamento educação e biblioteconomia atuam em um ambiente que inevitavelmente passará por transformações organizacionais.

Em geral, bibliotecários formados nos anos entre 1970 e 1980 recebiam uma formação escolar que, segundo Queiroz (1985), não abarcava uma visão global dos problemas socioeconômicos nacionais e não propiciava uma consciência crítica, consequência de uma educação baseada em modelos importados, que repassava o conhecimento acabado, estático, resultando no isolamento e no tecnicismo dos profissionais, sem um entrosamento com os educadores. Para Caldim (2005), esse contexto não se justifica mais, passando a haver uma preocupação dos novos currículos dos Cursos de Biblioteconomia em preparar profissionais com uma visão crítica e reflexiva de uma sociedade em constantes transformações.

Esperam-se das bibliotecas escolares, na atualidade, práticas compartilhadas, que vão além do conhecimento individual do bibliotecário e envolvem a maneira como as pessoas trabalham e resolvem problemas juntos. A aprendizagem não é um ato isolado; ao contrário, está situada no tempo e no espaço e é influenciada pelos atores envolvidos. Um deve reconhecer o outro no processo da aprendizagem, por meio de suas atividades, que influenciam os contextos em que ela se realiza.

Hargreaves (2004) considera que o isolamento na educação tem suas raízes nas formas culturais de como as escolas foram organizadas. Assim, para que a colaboração possa ocorrer, bibliotecários e professores precisam romper com o estabelecido e estar dispostos a abandonar a orientação tradicional, centrada em seus espaços privativos — bibliotecas e salas de aula —, abraçando objetivos e práticas mais amplas, orientados para a escola como um todo.

Esse ideal requer a aceitação de todos os membros da comunidade escolar e pode representar uma mudança significativa na compreensão de que a natureza das atividades dos bibliotecários escolares (MARTINS; BORTOLIN, 2006) passa a ser enraizada nos fazeres educativos.

4 CAMINHOS TRILHADOS

A presente pesquisa está ancorada na abordagem qualitativa, que concilia com a possibilidade de ter como referência os princípios teórico-epistemológicos baseados na ideia de que os sujeitos pesquisados são pessoas reflexivas, com suas experiências e ações nos vários contextos em que atuam. Assim, a escolha pela pesquisa qualitativa harmoniza com o objeto de estudo e possibilita enxergá-lo de múltiplos ângulos. A experiência e a visão da realidade são fatores que colaboram para a construção de dúvidas (MINAYO, 2008). É possível perceber que os problemas reais, como questões de pesquisa, são oriundos do cotidiano, em uma tentativa apropriada de “[...] ouvir o outro que está em mim” (CARVALHO, 2008, p. 94).

Faz-se necessário ouvir os relatos das ações que se efetivam em decorrência dos fazeres que sejam, de fato, concretizados no cotidiano das bibliotecas. Nesse sentido, será utilizada, como instrumento de coleta de dados, a entrevista, que permitirá estabelecer um diálogo entre o entrevistador e o entrevistado (FLICK, 2009). Dentro desse enfoque, a entrevista permitirá ter uma visão sobre o objeto da pesquisa na percepção de cada um dos

entrevistados, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento dos fazeres no cotidiano escolar.

Nessa proposição, a interpretação intenta o “[...] sentido das falas das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação que vão além do descrito e analisado” (MINAYO 2008, p. 80). Para isso, ao ouvir os sujeitos da pesquisa, os relatos servirão como uma espécie de ferramenta-mestra e uma fonte segura para as informações desejadas (MINAYO, 2008), pois possibilitarão uma análise que explora os movimentos e os efeitos do discurso, em vez de apenas focalizar o discurso enclausurado no registro das falas. O discurso, sob tal perspectiva, está além do dito e do não dito. Ele está nas formas de agenciamento de seus enunciados (DELEUZE, 2011). Os enunciados, elementos constituintes do discurso, podem ser identificados naquilo que os registros verbais e escritos fazem movimentar em termos de seus efeitos.

Dessa forma, o ambiente específico de colaboração desta proposição não se restringe a um local, nem a um sujeito ou a grupos de sujeitos. Esse ambiente contextualizado, nesse caso, é o lugar onde as práticas se entrelaçam (CARVALHO, 2009), relevando-se como veículos de discursos dos variados fazeres colaborativos.

No que se refere à escolha dos sujeitos da pesquisa, utilizou-se a amostra intencional (COSTA NETO, 2002), devido ao fato de que a seleção deliberada dos participantes do estudo possibilita a escolha de atores representativos da população a ser pesquisada, podendo garantir uma riqueza de dados que permitirá deduções com nível de equilíbrio desejado.

A composição da amostra teve como referência o Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar² (GEBE), o que possibilitou delinear critérios representativos no universo dos bibliotecários escolares. Em um primeiro momento, uma sondagem prévia foi feita com 12 bibliotecários, objetivando analisar se esses profissionais atendiam aos seguintes critérios: atuar em escolas de ensino fundamental ou médio, em escolas públicas ou privadas; trabalhar em tempo integral na escola; desenvolver atividades com os alunos que envolviam colaboração com os professores; ter disponibilidade para participar da pesquisa. Dos 12 escolhidos no primeiro momento, nove atenderam aos critérios definidos.

² O Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar, sediado na Escola de Ciências da Informação da UFMG, integra pesquisadores e estudantes em torno de atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas especialmente com questões sobre a função educativa da biblioteca, procurando uma melhor compreensão do potencial dessa instituição como espaço de ação pedagógica.

Dos nove bibliotecários escolhidos, três eram do Espírito Santo, um do Rio de Janeiro, um do Rio Grande do Sul e quatro de Belo Horizonte. As entrevistas realizadas com os bibliotecários do Espírito do Santo ocorreram pessoalmente e as outras seis foram feitas via Skype. As entrevistas duraram de 1h30min a 2h40min, sendo gravadas e transcritas na íntegra.

5 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Para apresentar um melhor esclarecimento sobre a pesquisa, uma reflexão acerca da análise de dados é imprescindível. Moraes (2003) explica que as categorias na análise podem ser produzidas por variadas metodologias. Cada método acarreta produtos que se caracterizam por diferentes propriedades, tendo, assim, pressupostos que fundamentam a respectiva análise.

O método dedutivo, um movimento do geral para o particular, implica construir categorias antes mesmo de examinar o *corpus* de textos. As categorias são deduzidas das teorias que servem de fundamento para a pesquisa. São caixas (BARDIN 1977), nas quais as unidades de análise serão colocadas ou organizadas. Esses agrupamentos constituem as categorias *a priori* (MORAES 2003, p. 197).

Assim, em função dos propósitos estabelecidos para este estudo, as categorias foram construídas *a priori*, a partir do modelo de colaboração apresentados por Montiel-Overall (2005a, 2005b). Quatro das categorias definidas constituem os níveis de colaboração no referido modelo, a saber: coordenação, cooperação, instrução integrada e currículo integrado. Para a análise e interpretação dos dados de cada categoria, tomou-se como pressuposto a compreensão e o modo como as práticas colaborativas aconteciam no cotidiano escolar. Procurou-se olhar com intensidade as falas dos entrevistados, sem perder a qualidade do que está intrínseco nos detalhes, características inerente à análise qualitativa (FLICK, 2009), mas provocando a sensibilidade do pesquisador, por estar diretamente associada ao ato de ouvir o outro.

CATEGORIA 1 - COORDENAÇÃO

Nos relatos expressados pelas bibliotecárias e pelos bibliotecários³ sobre seus fazeres, que ocorrem no cotidiano da biblioteca analisado nesta categoria, percebe-se ênfase dada às atividades de leitura. A intervenção lúdica na biblioteca abrange, no

³ A partir desse ponto, optamos pela denominação “profissional” para nomear as bibliotecárias e os bibliotecários.

cotidiano dos profissionais, potencialidade para o campo do possível. O foco da atividade é voltado para o aluno, mas com o objetivo de despertar a percepção do professor para a biblioteca.

Os possíveis movimentos do fazer da tradicional hora do conto, realizada por eles junto com os professores, parecem contribuir substancialmente para um *continuum* em direção à criação de possibilidades para novos caminhos.

CATEGORIA 2 - COOPERAÇÃO

O nível de cooperação denota uma relação de trabalho de indivíduos que compartilham responsabilidades para a realização de projetos. Nessa categoria, são fazeres com fortes indícios de um cotidiano integrador entre a biblioteca e a escola. O envolvimento evidenciado pelos profissionais nas atividades solicitadas pelos professores permite direcionar o nosso olhar para um entrelaçamento de suas práticas cotidianas, relacionando-as com ações pedagógicas.

Inferimos, nessa categoria, que os profissionais também têm um forte potencial de se tomarem catalisadores para as relações de confiança entre os participantes. As relações de cordialidade e de coleguismo são elementos predominantes no cotidiano das bibliotecas, configurando assim a harmonização do ambiente de trabalho.

Dentro do cotidiano de possibilidades, os fazeres dos bibliotecários são estabelecidos nas conversas além do planejamento. A parceria e a troca de ideias sobre novos projetos ocorriam em outros momentos fora do planejamento e fora do ambiente escolar. Há evidências de que as atividades constituíam uma relação dialógica, há vestígios de vontades nos fazeres do cotidiano, deixando de lado os fortes indícios de lamúrias muito presentes e discutidos na literatura da área e envidando esforços para estabelecer parcerias no nível de cooperação.

Com base nos dados analisados na categoria “cooperação”, pode-se dizer que há evidências de um elemento fundamental para a colaboração: o interesse e a vontade (MONTIEL-OVERALL, 2006). Infere-se, dessa forma, que os profissionais estão imbuídos em algo além do *status quo*, o que significa vontade de possibilidades de, no cotidiano, entrelaçarem práticas colaborativas, expandindo a biblioteca para fora dos limites de suas quatro paredes.

CATEGORIA 3 – INSTRUÇÃO INTEGRADA

Na categoria “instrução integrada”, analisaram-se os fazeres do cotidiano dos profissionais envolvidos conjuntamente no planejamento, na criação e na implementação de ações que objetivam a aprendizagem, tanto de conteúdos do programa como de habilidades de uso de informações, integrando a sala de aula e a biblioteca.

Observou-se que uma atividade considerada como tradicional entre os bibliotecários escolares — a prática de contação de história — constitui um atrelamento, como possibilidade de ser efetivada no nível de colaboração mais avançada. Percebe-se que eles intentam articular essa prática com a prática educativa, envolvendo as ações da biblioteca em várias disciplinas. Há indícios de que os profissionais possuem, nessa categoria, uma característica pessoal — a proatividade.

As ações dos fazeres colaborativos no cotidiano são potencializadas em parceria com o professor, fazendo da biblioteca espaço de interlocução e de múltiplas funções, que suscitam possibilidades para a construção de práticas colaborativas que objetivam a aprendizagem. São criadas possibilidades nos vários movimentos/momentos do cotidiano escolar.

CATEGORIA 4 – CURRÍCULO INTEGRADO

Pretendeu-se analisar, nessa categoria, como os fazeres do cotidiano são estabelecidos para se atingir metas e objetivos comuns e que envolvem os professores e os profissionais da biblioteca, na integração do conteúdo da sala de aula à biblioteca. Há planejamento compartilhado e plena articulação dos conteúdos programáticos com as atividades da biblioteca. Há também um *continuum*, em que os níveis de colaboração não são necessariamente sequenciados de forma rígida, mas há um cotidiano pleno de realização, uma vez que os profissionais enxergam potencialidade em todos os fazeres da biblioteca.

Parece evidenciada, nas práticas cotidianas desses entrevistados, uma alta colaboração, em que os fazeres dos profissionais e o conteúdo curricular são totalmente integrados. Percebe-se a relação da biblioteca escolar em um cotidiano de múltiplas possibilidades das práticas educativas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que, em uma pesquisa, as conclusões não são finalizações, mas consistem em indagações tecidas para que outros deem continuidades àquilo que acreditamos, como suposição, ser um cenário de possibilidades, sem, contudo, ignorar que o caminho foi traçado por poucos/as bibliotecários/as, mas pode ser percorrido por todos/as.

Desse modo, a exposição de uma temática complexa permite constatar que há elementos constitutivos no cotidiano dos fazeres colaborativos entre os profissionais da biblioteca e os professores, envolvendo atores de diferentes segmentos, para que se busque uma visão da realidade e do tema de forma ambiciosa.

O enfoque deste estudo é situar os fazeres como prática educativa das bibliotecárias e dos bibliotecários no cotidiano da biblioteca, um cotidiano (re)construído como campo dos possíveis. As considerações apresentadas neste texto enfatizam a importância de um grupo de profissionais com indícios de proatividade, sobretudo quando as relações dos seus fazeres são estabelecidas em prol do processo de ensino-aprendizagem.

Observou-se que as posições assumidas pelos participantes são determinantes na transformação e no envolvimento por um cotidiano diferenciado, em que os fazeres estão presentes na colaboração com os professores. São fazeres dos sujeitos imbuídos em um tempo/espço de inovações, estabelecendo um cotidiano diferenciado da rotina.

Em todas as categorias analisadas, a colaboração nos fazeres cotidianos evidencia uma relação dialógica entre bibliotecários e professores que, embora com diversos percalços pelo caminho, gera superação dos obstáculos e torna as práticas constitutivas do campo dos possíveis.

Os dados recolhidos demonstram também que, no cotidiano da biblioteca, a colaboração entre o bibliotecário e o professor ocorre em diferentes espaços, perpassam a barreira física da biblioteca. Há um movimento constante de vontade dos bibliotecários e das bibliotecárias, conscientes de que, em seus fazeres, as práticas escolares cotidianas são passíveis de mudanças e realizações na tessitura de um conhecimento conjunto.

REFERÊNCIAS

AMERICAN ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANS/ASSOCIATION FOR EDUCATIONAL COMMUNICATIONS AND TECHNOLOGY. **Information power**: building partnerships for learning. Chicago: ALA, 1998.

BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). **Profissional da informação**: o espaço de trabalho. Brasília: Thesaurus / CID-UnB, 2004.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 163-168, jan./dez. 2005. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/431>> Acesso em: 20 fev. 2014

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional**: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. 2009. 203 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CARVALHO, Janete Magalhães. Do projeto às estratégias/táticas dos professores como profissionais necessários aos espaços/tempos da escola pública brasileira. In: CARVALHO, Janete Magalhães (Org.). **Diferentes perspectivas da profissão docente na atualidade**. Vitória: Edufes, 2002. p. 9-45.

CARVALHO, Janete Magalhães. Pensando o currículo escolar a partir do outro que está em mim. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 94-111.

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis, RJ: DP et Ali Editorai. 2009.

COSTA NETO, Pedro Luís de Oliveira. **Estatística**. São Paulo : Edgard Blucher, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.1 São Paulo: Editora 34. 2011. v.1

FARIA FILHO, Luciano Mendes et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FÉLIX, Andreza Ferreira. **Práticas educativas em bibliotecas escolares**: a perspectiva da cultura escolar: uma análise de múltiplos casos na RME/BH. 2015. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

FÉLIX, Andreza Ferreira; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. **Cultura escolar e ação pedagógica na biblioteca**: uma análise de artigos do XXIV CBBB. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: Febab, – SC, 2013. Disponível em: <http://portal.febab.org.br/anais/article/view/1249>. Acesso em: 18 nov. 2014.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre. Bookman: Artmed, 2009.

FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GONÇALVES, Irlen Antônio; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História das culturas e das práticas escolares: perspectivas e desafios teórico-metodológicos. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (Org.). **A cultura escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

HARGREAVES, Andy. **O ensino na sociedade do conhecimento**: educação na era da insegurança. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MACEDO, Neusa Dias de (Org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate**: da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: SENAC: CRB-8, 2005.

MARTINS, Elizandra; BORTOLIN, Sueli. O bibliotecário escolar afinando o foco na leitura. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MONTIEL-OVERALL, Patricia. Toward a theory of collaboration for teachers and librarians. **School Library Media Research**, v. 8, 2005a. Disponível em: <<http://www.ala.org/aasl/aaslpubsandjournals/slmrb/slmrcontents/volume82005/theory>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

MONTIEL-OVERALL, Patricia. A theoretical understanding of teacher and librarian collaboration (TLC). **School Libraries Worldwide**, v. 11, n. 2, p. 24-48, July 2005b. Disponível em: <<http://murraylib604.org/TheoreticalUnderstanding.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

MONTIEL-OVERALL, Patricia. Teacher and teacher-librarian collaboration: moving toward integration. **Teacher Librarian**, v. 34, n. 2, p. 28-33, 2006. Disponível em: <<http://www.redorbit.com/news/education>> Acesso em: 12 mar. 2012.

MOREIRA, Juliana Alves. **Práticas educativas bibliotecárias de formação de leitores**: um mapeamento de suas iniciativas e articulações na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte – RME-BH. 2014. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Programa de Pós-Graduação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-9RQGWB>. Acesso em: 19 jun. 2015

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf. Acesso em: 17 fev. 2014.

PEREIRA, Dulcimar. **Os espaçostempos da alegria na escola como movimentos instituintes no cotidiano escolar**: a prática de professores e alunos no entrelaçamento entre razão e emoção. 2006. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2006.

QUEIROZ, Raimunda Augusta de. **Recursos de biblioteca das escolas de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino da região da Grande Vitória**: diagnóstico da situação. 1985. 143 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia – Administração de Bibliotecas) - Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 1985.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Armed, 2005.

SCHWERTNER, Suzana Feldens et.al. O livro é de papel, e a imaginação rola solta: a biblioteca escolar na ótica de jovens estudantes. **Educação em Foco**, ano 20, n. 31 – maio/ago.2017 – p. 95-114.

SEGAT, Taciana Camera; GRABAUSKA, Claiton José. Ações investigativas e colaborativas no processo de formação de professores e nas práticas em educação infantil. **Educação**. Revista do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria. v. 29, n.1, jan./jun. 2004. Disponível em: www.ufsm.br/revistaeducacao. Acesso em: 29 mar. 2015.

SILVA, Simone Alves da. **A ação discursiva do bibliotecário na educação básica**. 2013. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro-Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2013.

SOARES, Laura Valladares de Oliveira. **A formação como aliada no exercício do papel educativo do bibliotecário na escola**. 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2014.

WALTER, Maria Tereza Teles Walter. **Bibliotecários no Brasil**: representação da profissão. 2008. 344 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/5288>. Acesso em: 19 jun. 2015.